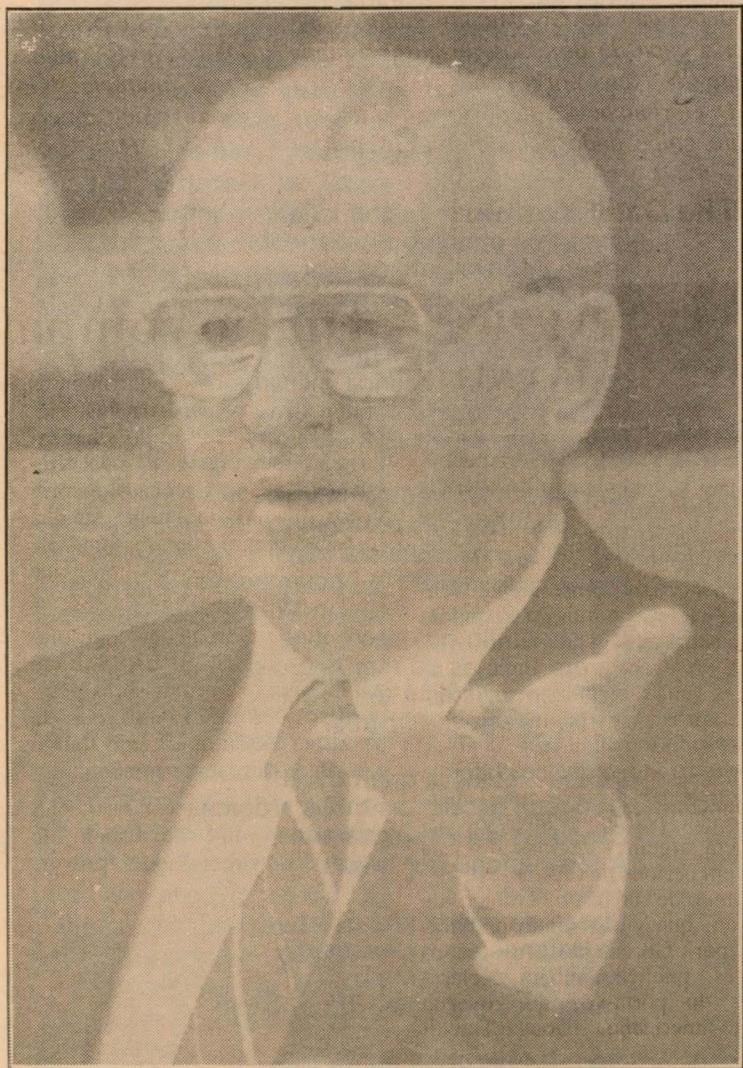


Coordenador da  
Corrente Classista  
fala sobre IV Concut  
pág. 9

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!  
**A Classe Operária**   
ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL  
ANO 66 - VI FASE - N.º 66 - 2 a 23 de setembro de 1991 Cr\$ 250,00  
PA-AM-RO-AC Cr\$ 250,00

Executiva do  
PCdoB divulga  
nota sobre URSS  
pág. 5

# Gorbachov-Yeltsin entregam URSS ao imperialismo



Gorbachov entraquecido cede as pressões, liquida a URSS e...

... dá a Yeltsin poderes para acelerar a presença capitalista

A gravíssima crise política e de poder na União Soviética traz conseqüências para todos os povos do planeta. Sob o comando da dupla Gorbachov-Yelstin, o mundo assiste a uma histórica ofensiva anti-coomunista nunca vista, inclusive com características fascistas. Ambos manipulam legítimas reivindicações por liberdade dos soviéticos e empreendem um outro tipo de golpe, este sim, verdadeiro contra os direitos mais elementares dos povos. A cumplicidade do presidente americano, George Bush, é vergonhosa. No entanto, tais acontecimentos não revelam qualquer modificação nos rumos que já vinham sendo trilhados pela cúpula do PCUS. A desagregação da outrora próspera URSS, estimulada por seus algozes, conduz o país a um completo fracasso e o submete cada vez mais aos interesses do imperialismo.

Págs. 5 e 12

## Estagnação e futuro incerto na URSS. Pág. 12

### Ex-dirigente do PCB no Rio dá entrevista e anuncia filiação

No dia 11 de setembro 40 ex-militantes do PCB se filiam ao PCdoB em solenidade preparada pelo CR do Rio de Janeiro. Juliano Siqueira, ex-membro da Executiva Nacional do PCB explica os motivos. Pág. 7

### Corpo de Guilhardini

No fechamento desta edição veio a notícia da descoberta dos restos mortais de 13 presos políticos mortos e enterrados como indigentes no cemitério de Ricardo de Albuquerque, no Rio de Janeiro, entre os quais o dirigente do PCdoB, Luis Guilhardini, preso, torturado e morto pela repressão em 1972.

### Militares e imprensa subestimam EUA ao combater tráfico

Comandante Militar da Amazônia admite até bater em traficante, mas ignora ação americana de tentar substituir forças armadas por tropas da ONU. Pág. 10

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## Dar a volta por cima À Classe Operária II

Entendo que se deve imediatamente suspender o Boletim de Organização publicado pela Comissão Nacional. É inadmissível que em meio à crise financeira que o partido enfrenta e as dificuldades por que passa **A Classe**, se disperse esforços e recursos, fazendo um Boletim de Organização como o nº 24 de Julho/91, para divulgar exatamente o Encarte da Classe Operária nº 62 e o artigo de Lênin, facilmente encontrado no mercado. Penso que o Boletim de Organização que fora suspenso mais ou menos à época em que a **Classe Operária** perdeu sua regularidade e reeditado agora que se retoma a **Classe** não fortalece o Órgão Central do partido que deve ser utilizado pela Comissão de Organização quando necessário, com uma abrangência bem maior que o boletim.

O projeto semanário deve ser implantado com o desencadeamento de uma grande campanha de assinaturas da **Classe**, iniciando pelas direções executivas de todos os distritais e municipais do país.

Por fim, expresso minha concordância com quase tudo que Bernardo Jofilly escreve em sua carta publicada no nº 63 de **A Classe Operária**. Estou de acordo com a responsabilização do coletivo pela crise do jornal, a começar pelo Comitê Central. Mas pareceu-me que Bernardo *privilegia* o caráter teórico do jornal, que no meu entender seria mais da **Princípios**, enquanto o jornal teria um papel fundamentalmente político: Melhor utilizado pela direção do partido, especialmente pela Executiva do CC, substituiria, me parece, muitas das viagens dos camaradas. Afinal, é através de seu Órgão Central que o CC unifica nacionalmente a ação do partido. Neste sentido, devemos saudar as novas Colunas de Opinião, subscritas por vários dirigentes do partido, que na prática indicam uma nova valorização do jornal por sua direção, com reflexos em toda a militância.

Votos de êxito para a equipe, na certeza de chegarmos lá!

Divo Guisoni

## TV desvia a atenção dos expectadores

Nos últimos meses, os meios de comunicação, em especial a TV Globo, têm divulgado com muito alarde as chamadas fraudes da Previdência Social - INSS. A grande propaganda feita em torno de tais fraudes têm como objetivo maior desviar a atenção do povo dos verdadeiros propósitos do governo Collor.

Como todos nós sabemos, o governo pretende vender as empresas estatais. Entregar, creio que seria o termo mais correto. Ora, as estatais são o mais valioso patrimônio do povo brasileiro. A transferência de empresas para a chamada iniciativa privada, ainda mais nos termos em que está sendo feita, constitui-se não apenas em um grande roubo, mas sobretudo, é uma traição nacional. Para se ter uma idéia, o prejuízo da nação só com a venda da Usiminas será maior que o prejuízo causado por todas as fraudes da Previdência somadas. E sobre isto a TV Globo não diz nada.

Portanto, o grande destaque dado a essas fraudes tem por objetivo esconder do povo as reais intenções do governo Collor.

A TV Globo usa as fraudes da previdência como cortina de fumaça para ocultar a **grande roubo** que se pretende realizar contra o patrimônio público.

E isto é uma grande farsa...

Aldenor de Oliveira Rebouças

**Deposite sua  
contribuição  
Cr\$ 1.000,00**

**Partido  
Comunista  
do Brasil  
8º Congresso**

**Banco do Brasil  
Agência 2809-6  
Conta 4065-7  
São Paulo - SP**

## O jornal faz um trabalho importante

Quero apresentar meus cumprimentos pelo importante trabalho que os senhores vêm realizando em prol da boa informação das pessoas interessadas no socialismo e no progresso da humanidade. Funcionário público precocemente aposentado, exerço meu direito de cidadão opinando sobre o que acontece no Brasil e no mundo, procurando influenciar as pessoas com as quais convivo. A **Classe Operária** me ajuda muito nisso. Se possível, gostaria de ver retratados temas polêmicos da atualidade, entre eles o da incompatibilidade da "economia de mercado" com o sistema socialista (o verdadeiro).

Juvenal Borges de Lima - Olinda/PE

## A morte de Jósimo dos Santos

A **Classe** registra, com pesar, a morte de Jósimo dos Santos Barbosa, ocorrida no dia 10 de agosto. Jósimo, de 5 anos, residente em Manaus (AM), portador de linfoma-leucemizado, esteve em tratamento na Escola Paulista de Medicina (EPM) e, segundo seu pai, José Barbosa de Carvalho, que escreveu ao nosso jornal a respeito do episódio, faleceu em consequência da aplicação de medicamentos inadequados ao tratamento do mal de que padecia, provocando-lhe uma parada cardíaca. Em São Paulo, Jósimo esteve hospedado no alojamento do partido, na rua do Bexiga (Bela Vista), durante cerca de dois meses. Nesse período tanto seu pai (Barbosa de Carvalho, engenheiro agrônomo) quanto ele cativaram a simpatia e a solidariedade dos que lá passaram, vindos para os cursos e, igualmente, de todos que os conheceram.

A redação

## Um poema à Classe Operária

Este é um pequeno poema que dedico à gloriosa e combativa Classe Operária.

Foi num momento de calma e reflexão que o escrevi. Neste, deixo um pouco do que penso sobre este jornal que tanto nos auxilia na luta do dia a dia.

Gostaria que os camaradas o publicassem, pois, para mim seria muito importante. Primeiro por expor meu trabalho e, sem ordem de fatores, dizer para o Brasil o quanto nos vale a Classe Operária.

Alguns dados: Sou cearense, resido em Santa Catarina há 8 anos, curso o 2º grau, sou coordenador estadual de cultura da UJS e militante do PCdoB.

Escrevo, pois acredito que a sabedoria de um povo se fará com a caneta e o papel, a voz e se repercutirá com as armas.

À Classe

Centelha cor de minha vida  
Descobre o manto qual encobre  
Como cobre o futuro cheiro  
De pólvora pavor ao meu mal

Centelha és meus olhos fulgor pois  
Minha voz que alcança o Oiapoque  
Minha mão que abraça o Chuí como  
Meu brado a tremer mares anil

És como a luz imprescindível  
Enxergamos mais com teu lume  
Sem ti somos mudos a vagar  
Nesta que engole "o abelha pobre"

Centelha não nos deixe pois  
Se em tempos de mar negro dor  
Nos conduzistes a terra hoje  
Então nas trevas ficarás?

Classe de classe que trazeis  
O mundo às minhas mãos ardentes  
Cansadas de serem tratadas  
A ferro e fogo por favor

Classe de minha luta e paz  
Te defenderei em versos dia  
Após dia dormirei feliz  
Serás meu pão, meu sono, o sim

Não nos deixe no pó da vida  
Se no pó não permanecesstes  
E das cinzas fizestes nossas  
Notícias são verdades e não

Eu te levarei em meus poemas  
Olhos dos meus olhos clamor  
De minha voz, de minha pátria  
Leve o cantar pois, do teu povo

Que defenderei tua bandeira  
Nos mais duros campos de dor  
Onde a plantação pouca rara e  
Guerra dura abundante flor

Andocides Gomes (Jabá)

## Expediente

**Diretor e Jornalista Responsável:**  
João Amazonas  
**Editor:** Dilermando Toni  
**Redação:** Umberto Martins e Carlos Henrique Vasconcelos (Peninha)  
**Diagramação e Arte:** José Luiz Mufiera Reyes  
**Endereço:** Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - SP  
**Fone:** (011) 36-7531 **Telex:** 11-21983  
**Fax:** (011) 36-4104  
**Composição e arte final:** Compuarte  
**Fone:** (011) 36.0412  
**Fotolitos e Impressão:** Jornal Paulista

## Assine já o jornal "A CLASSE OPERÁRIA" UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome .....  
Endereço .....  
CEP ..... Cidade ..... Estado .....  
Profissão .....

**"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO**  
Assinatura trimestral: Cr\$ 1.200,00 Assinatura semestral: Cr\$ 2.400,00  
Assinatura trimestral de apoio: Cr\$ 2.000,00  
Assinatura semestral de apoio: Cr\$ 4.000,00

Preencha hoje mesmo este cupom e envie cheque nominal à Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda. Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - SP - CEP 01318

LEIA E ASSINE A

**REVISTA PRINCÍPIOS**

REVISTA TEÓRICA, POLÍTICA  
E DE INFORMAÇÃO

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## EDITORIAL

## Emendão contra o povo

**A** princípio não se pode ser contra que a Constituição brasileira seja modificada, mesmo se tratando de um documento recente que estabelece as normas legais mais gerais do país. Seria um contra-senso que os trabalhadores e seus setores mais conscientes desistissem, enfim, de ver incorporados à Constituição seus direitos e conquistas.

Mas a discussão atual não está situada neste terreno. Há que se analisar, exatamente, qual o conteúdo do "Emendão" de Collor de Mello, que pretende mudar nada menos que 44 artigos constitucionais. O objetivo do governo não é outro senão o de criar melhores condições para promover as "mudanças estruturais da economia, como privatização de empresas, abertura de segmentos cativos do setor público ao setor privado, abertura da economia à competição internacional, desregulamentação, reformas fiscal e financeira" como diz o documento apresentado pelo ministro Márcio Marques Moreira, na reunião com os secretários estaduais da Fazenda. Collor diz que o país está ingovernável atualmente e, por isso, há que se promover as modificações do "Emendão" imediatamente, como um primeiro passo.

O presidente da República não faz mais que reconhecer o óbvio. O país vive uma profunda crise. Só que, ao invés de procurar soluções reais, onde estejam salvaguardados os interesses nacionais e populares, investe despididamente contra os trabalhadores e a soberania nacional. Para o governo Collor a culpa pela situação calamitosa do país é da Constituição, de cunho "xenófobo-estabilizante" (!), como a ela se refere sempre, o ultra-conservador "O Estado de São Paulo".

As medidas da proposta collorida já foram analisadas na Classe, mas não é exagero repeti-las. Prevêem o fim do monopólio da União nos serviços de telefonia, acabam com o princípio de isonomia salarial e o fim das aposenta-

dorias por tempo de serviço, os funcionários públicos em disponibilidade passariam a receber somente um quinto dos salários atuais. Praticamente extinguem a Justiça do Trabalho. Acabam com o ensino superior gratuito, suspendem a estabilidade dos servidores públicos federais, estabelecem o fim à educação de, no mínimo, 18% da receita de tributos, retiram a competência de o Congresso dispor sobre criação e extinção de cargos e funções públicas. E por aí vai...

Além disso, causa repugnância os métodos que o governo Collor vem utilizando para fazer com que suas propostas consigam a aquiescência dos três quintos do Congresso Nacional, necessários à sua aprovação. É um festival de fisiologismo capaz de fazer inveja a qualquer Robertão da vida. "Argumenta" com os US\$57 bilhões devidos pelos estados brasileiros a fim de que os governadores pressionem as respectivas bancadas de deputados federais a se posicionarem favoravelmente. Mais que isso, designou o secretário de Desenvolvimento Regional, Egberto Batista, como interlocutor oficial junto à "classe política". Vale lembrar que este senhor esteve envolvido, em passado recente, num escândalo financeiro de beneficiamento de seu próprio irmão, na Zona Franca de Manaus, segundo denúncia da então ministra Zélia Cardoso de Mello. Portanto, pessoa inteiramente indicada para promover o "é dando que se recebe" collorido.

Apesar de toda essa ofensiva, tão pesada quanto suja, a manobra governista parece destinada ao fracasso. Setores importantes da sociedade rejeitam as modificações propostas na Constituição. A Ordem dos Advogados do Brasil - OAB - acaba de lançar uma Proclamação à Nação, repudiando o "Emendão". Sem dúvida outras potentes vozes se farão ouvir, sem vacilações, a condenar esse verdadeiro atentado contra a Nação.

## Imposição americana: alimentos e remédios mais caros

Olival Freire Jr. \*

*Aumenta a cada dia a pressão norte-americana para que o Brasil altere sua lei de patentes. George Bush, Dan Quayle e Robert Moshbacher sucedem-se em declarações.*

O Brasil é signatário do primeiro acordo internacional sobre patentes, a Convenção de Paris, de 1883, que admite a possibilidade de um dos países excluir do acordo produtos e processos que considere essencial para o seu desenvolvimento. Ora, o projeto de lei 824/91, encaminhado pelo presidente Collor ao Congresso, trata exatamente de ampliar o leque de patentes já admitidas pelo país incluindo produtos "químicos, alimentícios, químico-farmacêuticos e medicamentos". Produtos que estavam excluídos do reconhecimento de patentes pela lei 5772 de 1971. E faz esta inclusão de imediato, sem nenhum prazo de carência.

O efeito imediato da aprovação deste projeto de lei será o aumento dos preços dos produtos colocados no mercado. Rosseto, do Instituto Agrônomo de Campinas, mostrou que a adoção das patentes elevaria o preço das sementes em cerca de 700%. Um estudo da CODETEC mostra que um produto farmacêutico como o VALIUM tem seu preço elevado em 220% devido ao sistema de patentes. O efeito de médio prazo será ainda mais nocivo. É que cerca de 70% das 1 milhão de patentes registradas anualmente no mundo são duplicatas das "patentes-mãe" depositadas em determinados países. A concessão da patente raramente leva à produção do

invento no país. Funciona portanto como uma "reserva de mercado" invertida, privilegiando as multinacionais do setor farmacêutico e gerando uma política de desincentivo à capacitação científica e tecnológica nacional.

Dois tipos de países têm aderido a este tipo de legislação. Os países que já adquiriram capacidade tecnológica e reconhecem as patentes para defender a fatia dos seus produtos no mercado externo e aqueles que não têm capacidade para fazer sua autodefesa. O monopólio do conhecimento tecnológico é uma das formas mais fortes e atuais de dominação imperialista sobre as nações dependentes.

A oposição no Congresso terá que negociar condições como tipos de patentes e prazos de carência. Mas não se pode perder de vista que estas condições teriam que ter como pressuposto uma política de industrialização e capacitação científica e tecnológica para o setor como forma de evitar uma integração totalmente subordinada ao mercado internacional. E é exatamente este pressuposto que contraria os planos do governo Collor.

Para ele, aprovar apressadamente uma legislação que inviabiliza qualquer independência nacional faz parte do esforço de cair nas boas graças do governo dos Estados Unidos esperando, em vão, que o entreguismo mais deslavado possa atrair capitais estrangeiros.

\* Membro do Comitê Central do PCdoB

## EUA, URSS e Brasil

Sérgio Miranda \*

Nos comentários sobre a crise da União Soviética muitos políticos, inclusive de esquerda, foram enfáticos em atribuir ao Ocidente rico, especificamente ao chamado Grupo dos 7, as responsabilidades pelos problemas que Gorbachov estava enfrentando. O argumento, sempre repetido, era que, se os países ricos tivessem dado a ajuda econômica que Gorbachov de joelhos havia implorado na reunião do Grupo dos 7 em Londres a crise não teria ocorrido. Santa ingenuidade. Estes senhores não compreendem que os chamados países ricos são ricos justamente porque não ajudam ninguém, ao contrário exploram e submetem os outros aos seus interesses. Mesmo agora, quando Bóris Yeltsin homem de confiança do imperialismo assume as rédeas do governo soviético, nomeando praticamente todo o novo ministério, vem a público declarações do Secretário de Estado americano James Baker onde "exige a elaboração de um plano de reformas econômicas específicas e concretas para que a União Soviética possa vir a receber a tão esperada ajuda". No fundo os americanos estão aguardando as concessões e privilégios que o novo governo está disposto a dar para receber a propalada ajuda que, no final das contas, vai ajudar realmente o imperialismo a tentar sair de sua crise.

É importante chamar a atenção para estes fatos porque a lógica deste raciocínio é o mesmo que informa o projeto neo-liberal do governo Collor, seu Projeto e as recentes propostas de emendas constitucionais enviadas ao Congres-

so. Esta lógica tem apenas um significado - capitulação. Significa que se fizermos tudo que o imperialismo exige e impõe, abdicando de nossa soberania e dos interesses maiores do povo brasileiro, então os investimentos estrangeiros aparecerão e os graves problemas econômicos estarão solucionados. O povo brasileiro vem sendo bombardeado pelos meios de comunicação, não só através dos noticiários, mas também pelos comentaristas políticos e econômicos e até mesmo em anúncios pagos pelo governo na propaganda desta verdadeira ideologia de capitulação. Procura-se extirpar qualquer sentimento de nacionalidade e incentivar a concepção de que a solução dos nossos problemas depende da benesse dos países ricos.

Quanto ao emendão, é preciso estarmos atentos, pois a forma desastrosa do seu encaminhamento ao Congresso, com declarações desencontradas de ministros e de políticos ligados ao governo e o recente pronunciamento, em cadeia nacional de TV, do Presidente Collor com características profundamente populistas, demagógicas e até mesmo messiânicas nos leva a crer que está se preparando uma grande jogada autoritária para atingir os poucos avanços de democracia em nosso país. O governo pretende responsabilizar o Congresso pela crise caso não aceite suas propostas de emendas constitucionais e extirpar-se da culpa pelo agravamento da situação e abrir espaço para aventuras políticas.

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Curtas e Boas

Os acontecimentos na União Soviética apressaram, por aqui também, a consumação do caminho seguido pelos revisionistas agrupados no PCB, que agora querem liquidar a antiga sigla. Desde Kruschov eles têm seguido fielmente os passos dos dirigentes soviéticos, sem maiores esforços de crítica. Não foi, e talvez não poderia ter sido, diferente com Gorbachov, para Roberto Freire, presidente do partido (em artigo na *Folha de S. Paulo*, de 21/8/91), o dirigente do "ápice da luta pela síntese dos ideais de justiça social e liberdade". A vida vem mostrando que ideais são estes, mas seria injusto não registrar uma outra pérola do pensamento de Freire, no mesmo artigo: "Vivemos a época da definitiva revolução democrática mundial". Comandada, podemos acrescentar, por Yeltsin e Bush.

Batalha de Itararé

Assim como na suposta batalha em que se envolveu o Duque de Caxias na Guerra do Paraguai, os golpistas na União Soviética desastrosamente colocaram tanques nas ruas que, ao final, serviram de palanque a Boris Yeltsin e outros teleguiados de Washington. Repetiram também o coronel Antônio Tejero Molinax que, em 1981, adentrou o parlamento espanhol numa patética e fracassada tentativa de golpe, sendo que sua principal arma era uma pistola. Haja barão para tanta batalha!

E na Polônia

A situação teve desfecho diferente na Polônia, em 1981, quando o general Jaruzelski deu um golpe militar que fortaleceu a burocracia revisionista no poder. No entanto, as conseqüências parecem ser as mesmas. O general polonês conseguiu o seu intento e proporcionou a inserção do país no mercado capitalista internacional. Quanto à URSS, os generais não levaram a mesma sorte. Mas o país, sob o comando de Gorbachev e Yeltsin, assume o mesmo caminho polonês. Um verdadeiro corredor polonês!

Chip verde-amarelo

O PCB pretende aposentar a foice e o martelo e eleger um chip de computador como o novo símbolo do partido. Além disso, quer trocar a cor vermelha pela verde-amarela. Trata-se efetivamente de um outro partido. Não é à toa que seu presidente, Roberto Freire, considera os acontecimentos na URSS como "um exemplo emblemático". Realmente um emblema de tudo aquilo que seja anti-socialista. Uma peça amorfa de um equipamento.

NN ataca na URSS

No Brasil existe o PC, que promove negociatas, manda no governo e administra o caixa 2 do governo. Após os acontecimentos na URSS, surgiu o NN - Nursultan Nazarbaiev. Para se ter uma idéia de seu papel, o Secretário de Estado americano, James Baker, quando esteve em território soviético pela última vez, recusou-se a ver Yeltsin, mas manteve um encontro secreto com NN. A razão? Abrir negociações para que a empresa Chevron, dos EUA, receba uma portentosa concessão de petróleo. A maior do mundo. Não esquecer que ele é presidente do Cazaquistão, detentor da bomba atômica e rico em recursos minerais.

Kissinger, a volta

"A transformação de uma economia centralizada noutra de livre mercado, não foi concretizada com êxito em parte alguma. A reestruturação requer preços realistas, o que significa inflação, fechamento de empresas ineficientes, desemprego, reciclagem de força de trabalho e deslocamento em massa." São palavras do ex-Secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, no artigo "As superpotências na nova ordem internacional", reproduzido pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 13/8/91. Vale pela transcrição.

Movimento negro

O 1º Encontro Nacional de Entidades Negras deverá ser realizado entre os dias 14 e 17 de novembro, no Pacaembu, em São Paulo. Estima-se que a reunião contará com representantes de 13 estados. Na ocasião será feita uma avaliação das entidades negras, suas concepções, seus desafios e as perspectivas do movimento negro no país.

PCdoB em São Paulo

Apoio com independência



Arquivo

Formar um governo de coalizão a esta altura implicaria em solução de continuidade administrativa

Nos últimos meses Luíza Erundina, prefeita de São Paulo, apresentou a vários partidos populares da capital, a proposta de um governo de coalizão. Através do discurso do vereador Vital Nolasco, pronunciado no dia 27 último, o Partido se posicionou oficialmente a respeito. Abaixo, a *A Classe publica a íntegra do discurso de Vital.*

O PCdoB tem ao longo destes dois anos e meio de gestão da prefeita Luíza Erundina deixado públicas suas opiniões acerca do governo municipal.

Apoiamos a prefeita durante a campanha e continuamos a manter a mesma postura de apoio com independência. Este procedimento nos permitiu dar sustentação à administração em todas as medidas que julgamos justas contra os ataques oportunistas e impropriedades, e a nos pronunciarmos criticamente sobre posturas e atos equivocados.

Já em discurso proferido em 24/4/91, apresentamos uma avaliação mais global da administração, onde apontávamos dois problemas essenciais: de um lado a postura plasmada através do slo-

gan "São Paulo para todos" que explicitava um recuo no perfil essencial da coligação *Partidos do Povo*, em priorizar os interesses dos setores populares e oprimidos da população da cidade e, por outro lado, uma administração marcada pela rotina, sem iniciativa de mobilizar o povo com medidas ousadas de interesse das massas oprimidas e exploradas. Não nos furtamos em criticar o acordo com a Shell, a municipalização dos transportes, entre outras oportunidades.

Avaliamos que a melhor forma de contribuir com o acerto de rumos do governo municipal é mantermos nossa posição de independência.

Duas razões principais norteiam nossa posição: compreendemos que estabelecer um governo de coalizão a esta altura do mandato da prefeita poderia implicar em solução de continuidade administrativa e tolheria a prefeita em dar continuidade a seus planos de governo.

Do ponto de vista político, entendemos que a formação do governo de coalizão, neste momento, anteciparia a discussão da sucessão municipal, mesclando-a à questão administrativa. Julgamos

que a questão sucessória em todos os níveis, deve ser tratada pelos partidos políticos progressistas como um processo independente em relação a acordos administrativos e políticos na esfera municipal.

O PCdoB mantém uma firme posição de unidade das forças populares e progressistas nos pleitos eleitorais, nas lutas políticas no parlamento, nas várias frentes de massa. Queremos uma firme unidade de todas as forças que se opõem decididamente ao governo Collor, aos seus projetos de mudança na Constituição que visam golpear profundamente os interesses populares e nacionais. Propomos que as forças vivas do país, independentemente de comporem um mesmo governo, promovam uma unidade para lutar contra o projeto neoliberal recessivo e inflacionário do governo federal.

Entendemos que contribuiremos mais efetivamente para essa imprescindível unificação de forças mantendo-nos fora do governo municipal, como tem sido até esta data.

Reiteramos nossa posição de apoio independente à Prefeitura de São Paulo.



# Declaração do PCdoB sobre os acontecimentos na URSS

A URSS vive gravíssima crise política e de poder. Tal situação, devido à posição deste país no cenário mundial, traz conseqüências para todos os povos do planeta e desestabiliza o quadro de forças até então vigente.

Sob o comando da dupla Yeltsin-Gorbachov, assiste-se a uma ofensiva anticomunista jamais vista, que toma inclusive certas características fascistas. Manipulando legítimas aspirações de liberdade dos soviéticos, tudo que se assemelha a socialismo é perseguido. Em nome de uma pretensa democracia, os direitos democráticos são atropelados. Jornais como o Pravda, com quase 80 anos de circulação, são fechados, o próprio PCUS - já desmoralizado e arruinado pela atividade desagregadora dos inimigos do socialismo há várias décadas - é colocado na ilegalidade.

Cria-se um clima de intimidação. Os jornais chegam a falar em caçada de comunistas nas ruas. Estátuas de heróis do povo e de figuras de destaque mundial, como Sverdlov, Djerjinski e Lênin, são derrubadas e submetidas ao achincalhe em praça pública. Os símbolos da revolução são arrancados por todo lado e substituídos pelos que vigoravam na época do czarismo.

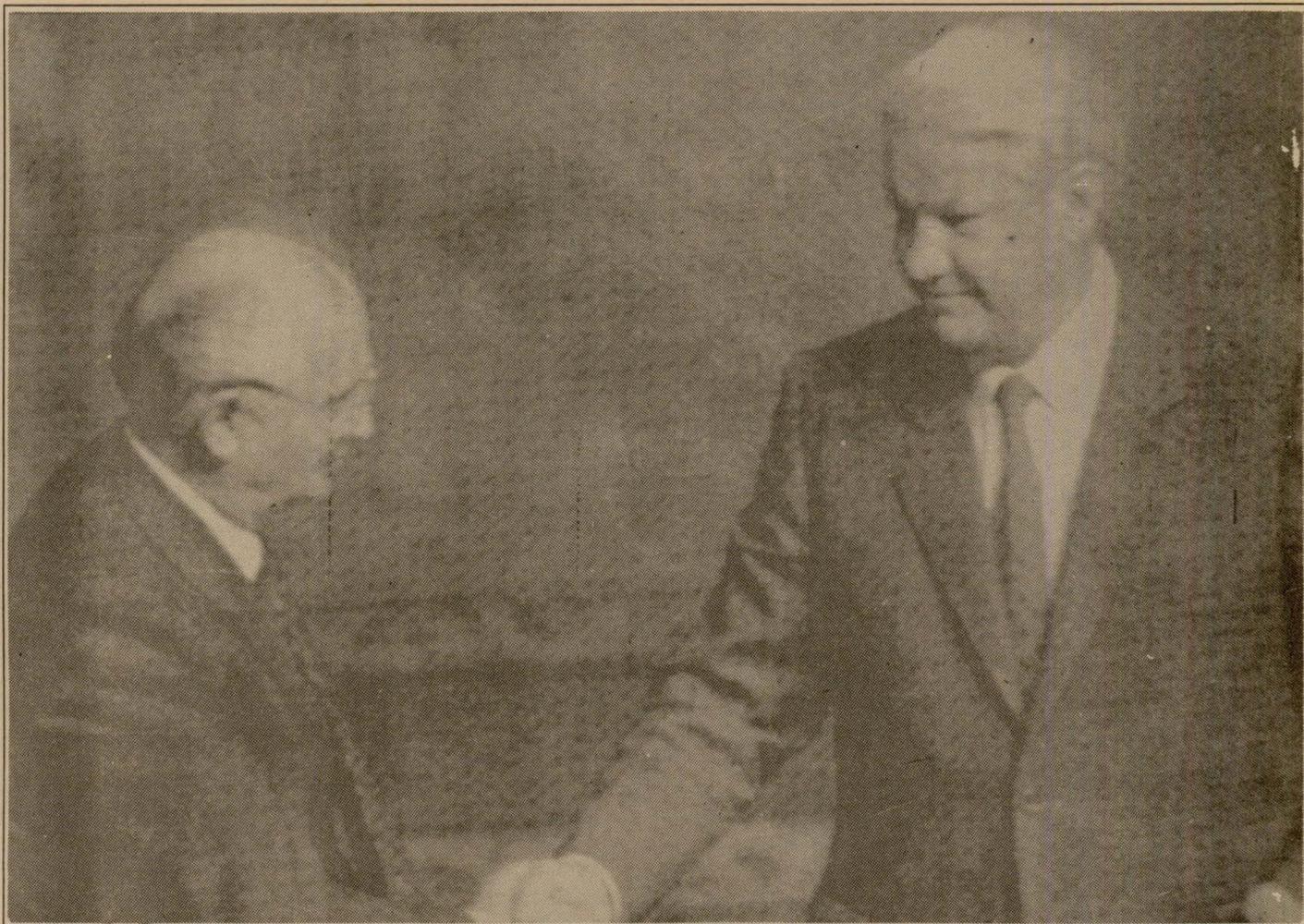
Tudo isto é realizado em vergonhosa cumplicidade com Bush, que anuncia abertamente sua participação no comando da investida reacionária.

## Aliado de Bush

Mas tais acontecimentos, embora extremamente graves, não assinalam mudança nos rumos que já vinham sendo trilhados pela cúpula soviética. Gorbachov, desde que assumiu o poder, em 1985, pauta sua atividade pela integração acelerada na estratégia imperialista americana. Os episódios ocorridos na União Soviética seguiram a mesma orientação básica, porém aplicada de forma mais agressiva.

Gorbachov não foi capaz de dizer uma palavra de protesto diante da invasão americana no Panamá. Contribuiu diretamente para o estrangulamento da revolução na Nicarágua, e negou qualquer ajuda ao poder revolucionário sandinista quando esse sofria furioso cerco imperialista e agressão pelos "contras", armados e financiados pelos EUA. Há tempos alia-se aos norte-americanos no bloqueio de fome a Cuba, dificultando financiamentos e a venda de produtos essenciais, como o petróleo. Durante a guerra do Golfo a direção soviética aliou-se abertamente a Bush e votou, na ONU, a favor da agressão consumada através da "tempestade no deserto", que massacrrou mais de 100 mil iraquianos.

Para culminar, o chefe da perestroika estimulou a desagregação da União das Repúblicas Soviéticas. Alimentou as desavenças nacionais e, com suas orientações desastrosas, conduziu o país, que já foi próspero e poderoso economicamente, a um fracasso completo. Levou a URSS à crise social, ideológica, política e econômica. Há 80 milhões de soviéticos viven-



Gorbachov e Yeltsin se aliam, desmontam a URSS e, desavergonhadamente, promovem uma feroz campanha anticomunista.

do na pobreza e 10 milhões de desempregados.

Neste quadro, e como conseqüência dele, é que surgiu o golpe do dia 19, com grande impacto nas relações internacionais. Uma tentativa desesperada e desastrosa de dar um paradeiro a esta situação.

Imediatamente os principais cabecilhas do imperialismo manifestaram a sua indignação. Bush, Khol, Major, Mitterand, Kaifu compreenderam que o afastamento de Gorbachov do poder poderia alterar perigosamente a hegemonia absoluta dos EUA no mundo e a nova ordem internacional estabelecida.

## Falso democrata

Montou-se uma cadeia internacional de propaganda sob comando da rede de televisão americana CNN, apresentando Gorbachov como o campeão da democracia e da paz. Na verdade, os imperialistas defendiam seu principal instrumento na tarefa de desmoralizar o socialismo e a revolução. Bush e seus iguais não têm autoridade para falar em democracia.

Em contrapartida, mesmo em absoluta desvantagem nas possibilidades de difundir suas idéias, o PCdoB e correntes progressistas, bem como revolucionários de outros países, inclusive da URSS, levantaram corajosamente a voz para esclarecer e alertar a opinião pública sobre o papel contra-revolucionário de Gorbachov e sua pseudo-democracia.

O afastamento de Gorbachov, embora representasse um anseio das forças progressistas, foi tentado por velhos burocratas, afastados do povo e, há muito, comprometidos com as medidas antisocialistas praticadas na URSS por Kruschov, Brejnev e por Gorbachov. Não tinham, portanto, condições de interpretar as aspirações do povo e, muito menos, restaurar o curso socialista na URSS. Por isto, inclusive, o levante malogrou. E, com seu fracasso, deu lugar a uma investida ainda mais escancarada do processo reacionário.

Sentindo-se reforçado, o imperialismo procura aproveitar a onda contra-revolucionária a seu favor. Bush já saiu anunciando aos quatro ventos o fim do comunismo. E Boris Yeltsin, de parceria com Gorbachov, coloca em julgamento o PCUS. Não o PCUS revisionista, burocratizado, das últimas três décadas, esfrangalhado e desmoralizado. Mas o PCUS criado por Lênin, o PCUS que dirigiu o povo soviético na revolução e no glorioso período da construção de uma nova sociedade governada pelos trabalhadores. O PCUS que esteve valentemente nas trincheiras de combate ao nazismo.

## Liberdade e socialismo

O PCdoB, a partir da década de 60, denuncia sem tréguas o processo de liquidação do socialismo na URSS e em todo o Leste europeu. Sempre marcou a sua atividade pela defesa da revolução e da

liberdade. Desde o primeiro momento do golpe soube distanciar-se da campanha imperialista pró-Gorbachov. Compreendeu igualmente que não seria por um atalho golpista que se retomaria o caminho socialista na URSS.

O PCdoB confia no povo, na elevação de sua consciência e na sua mobilização, numa nova revolução socialista para restaurar os direitos dos trabalhadores na URSS. Esta é uma solução que ainda não está à vista. Imensos contingentes populares, na URSS e em todo o Leste europeu, encontram-se sob forte influência político-ideológica burguesa.

Mas os próprios acontecimentos atuais, embora trágicos, têm o mérito de limpar os campos, desfazer os véus e as meias palavras. A contra-revolução, na ofensiva, apresenta-se tal como é, feroz e antipovo. As forças sadias dentro da URSS saberão tirar ensinamentos da situação e encontrar meios para reerguer o grande sonho de liberdade que só o socialismo pode realizar.

O PCdoB solidariza-se com o povo soviético, vítima da maré anticomunista, e conclama todas as forças progressistas para a defesa da verdadeira democracia, contra o barbarismo praticado por Yeltsin-Gorbachov e seus parceiros imperialistas.

São Paulo, 28 de agosto de 1991

Comissão Executiva do Comitê Central do PCdoB  
Fundação Maurício Grabois

# O PCB não dá mais certo

Apelo aos velhos camaradas que lutavam e lutam pelo socialismo para que tomem o outro caminho.

Entrevista com Eloy Martins

- Neuza Amaral

Com o agravamento da ofensiva do imperialismo, em todos os terrenos, e a derrocada da matriz revisionista soviética, vai se dando um importante processo de diferenciação de forças na esquerda em todo o mundo. Muitos autênticos revolucionários brasileiros, marxistas-leninistas, se aproximam do PCdoB. Tal é o caso de Eloy Martins, velho combatente operário gaúcho, que concedeu essa entrevista a Mauro Gaglietti, de *A Classe Operária*.

**Classe: Qual a tua impressão sobre o Congresso do PCB?**

O Congresso rompeu todas as normas de um partido proletário. Todos que não pertenciam ao partido puderam votar. Formaram-se três tendências, a que saiu vitoriosa foi a social-democracia, liderada por Roberto Freire. Freire é um grande ilusionista da classe operária. É neoliberal. Chega a defender estas idéias com mais convicção que o próprio presidente Collor.

Na minha opinião, o PCB está tripudiando a memória de milhares de camaradas que deram a vida para transformar a sociedade brasileira. Uma sociedade em que o proletariado pudesse ser livre.

**Classe: E a tua perspectiva em relação ao Congresso do PCdoB?**

O PCdoB está mais próximo deste anseio do proletariado brasileiro. É um partido revolucionário que necessita fazer um rico processo de auto-crítica. A ciência marxista evolui em contato com a experiência do proletariado, mas o que aconteceu é que a teoria marxista parou no tempo, deixou de se desenvolver. O 8º Congresso do PCdoB necessita fazer um balanço dos 70 anos de luta dos comunistas no Brasil. Necessita tirar grandes ensinamentos e elaborar uma plataforma que esteja de acordo com os acontecimentos do Brasil e do mundo. O PCdoB deve sair deste congresso fortalecendo uma grande meta, a de mobilizar grandes massas. Estamos vivendo um momento muito difícil para a classe operária e os setores progressistas. O povo brasileiro conquistou alguns direitos na Constituinte e o FMI quer alterar artigos da Constituição para facilitar o enfraquecimento da nação brasileira e dos

direitos dos trabalhadores. Isto é um crime. O Collor está propondo alterar 43 pontos da Constituição. É um governo que faz o que FMI manda.

Diante de todo este sofrimento por que passa a população, necessitamos de partido revolucionário. O PCB não dá mais. Está enrolando o proletariado e a classe média. Há outras correntes no campo da esquerda que fazem o mesmo.

**Classe: Como você viu o processo ocorrido de 1958 a 1962, que resultou na cisão do Partido Comunista do Brasil em duas forças - PCdoB e PCB?**

Na época eu concordava mais com as posições políticas e ideológicas dos camaradas João Amazonas, Pedro Pomar, Maurício Grabois. Posicionei-me contrário à declaração de março de 1958. Mas a idéia de unidade do partido me pegou em cheio desde aquela época. Imaginava que ficando no PCB poderia auxiliar para que o partido pudesse seguir uma linha revolucionária. Depois de 64 ocorreu uma implosão no PCB. 30 grupos de esquerda foram formados. Penso que hoje a bandeira de 1922 pertence ao PCdoB. Pois o PCB perdeu todo este patrimônio revolucionário de 70 anos, que, apesar dos erros, é um rico patrimônio. De 1962 a 1964, o PCB



Eloy denuncia: "o PCB está tripudiando a memória de muitos camaradas"

até que pôde questionar a herança de 1922. Hoje o camarada que quer seguir uma orientação proletária é mais fácil ir para o PDT do que procurar o PCB. O PCB é composto por uma elite que se corrompeu. Não quero dizer que sou contra a frente única com as forças patrióticas, democráticas e populares. Nós não podemos ficar isolados. Minha plena convicção nestes 60 anos de militância é que a única saída é o socialismo científi-

co de Marx e Engels. Não há outra saída. Sou contra os que querem criar socialismo com mercado, com empresários, socialismo "moderno" como o apregoador por Roberto Freire e tantos outros.

**Classe: O que representou a Perestroika para você?**

Tive a ilusão de que Gorbachov era um elemento da burocracia que teria a coragem de apontar os problemas da URSS

no sentido de resolvê-los e beneficiar o proletariado. Concordei com as críticas que ele fez contra a burocracia. A ilusão não durou muito, pois, em seguida, o Gorbachov cedeu para os USA até ao ponto de vermos um golpe com as características dos golpes acontecidos nos países mais atrasados do mundo. A Perestroika apressou a degeneração da sociedade soviética ao ponto de aprofundar a miséria e o desemprego.

**Classe: Qual o significado da tentativa do golpe ocorrido na URSS?**

Me parece que houve um golpe preparado por setores que desejam o fortalecimento de Boris Yeltsin. Para mim o Boris é uma "viúva dos nazistas", os mesmos que foram derrotados na década de 40 na URSS pelo povo soviético e pelo Exército Vermelho. Boris Yeltsin troca a bandeira da foice e martelo por uma bandeira que lembra os Tzares. O presidente da Rússia representa o retrocesso, é um nazista que está sendo projetado pela CIA. O presidente da maior república soviética fechou as organizações do Partido Comunista que funcionavam nas empresas.

**Classe: O que está representando esta entrevista para você?**

É a primeira vez que me manifesto publicamente contra o PCB. Tenho muitos amigos no PCB. Muitos camaradas perdi. Nos dois livros que escrevi sempre tive uma esperança de transformar o PCB num partido marxista revolucionário. Apelo aos velhos camaradas que lutaram e lutam pelo socialismo para que tomem outro caminho. O PCB não dá mais certo. Espero que o 8º Congresso do PCdoB faça a defesa do socialismo e dirija sua atenção à mobilização das grandes massas. Prepare a revolução em nosso país.

No momento não temos ainda as condições para realizar a revolução socialista, mas não podemos perder as oportunidades, como em 64, de mobilizar milhares de pessoas para conquistar a alternativa popular, nacionalista e democrática. O imperialismo entende muito bem a importância da mobilização das amplas massas. Fizemos isto na produção de gás na URSS.

## Biografia rica e revolucionária

Eloy Martins é dono de uma biografia atribulada e revolucionária. Nasceu em Laguna, Santa Catarina, filho de um carpinteiro, Saturnino Martins, e de uma costureira, Maura Brasil Martins. Foi engraxate, ajudante de ferreiro e aos 14 anos passou a morar em Porto Alegre, onde trabalhou numa oficina de consertos de automóveis, depois se empregou em estaleiros e tornou-se metalúrgico. Com 17 anos, em 1929, ingressou no Bloco Operário e Camponês, vinculado ao Partido Comunista do Brasil - à época PCB. Nesta época, foi preso pela primeira vez ao participar de um movimento reivindicativo dos trabalhadores metalúrgicos.

Em 1933, Eloy Martins entrou no partido comunista. Em 1935, participou de um comitê de greve dos trabalhadores metalúrgicos, movimento reprimido duramente, resultando no assassinato do primeiro secretário do partido, Mario Couto, e na prisão de centenas de trabalhadores. Eloy Martins ficou, então, preso na cadeia da Volta do Gasômetro durante mais de um mês. Entre 1933 e 35, ele foi dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Porto Alegre, membro do Conselho Executivo da Federação Operária do Rio Grande do Sul e secretário do Jornal "Voz do Trabalhador".

Durante o Estado Novo, em 1937, Eloy Martins foi novamente encarcerado, sendo que depois de solto foi viver no município de Rio Grande, voltando a Porto Alegre em 1939. Nos anos 40 participou do movimento pelo ingresso do Brasil na Segunda Guerra.

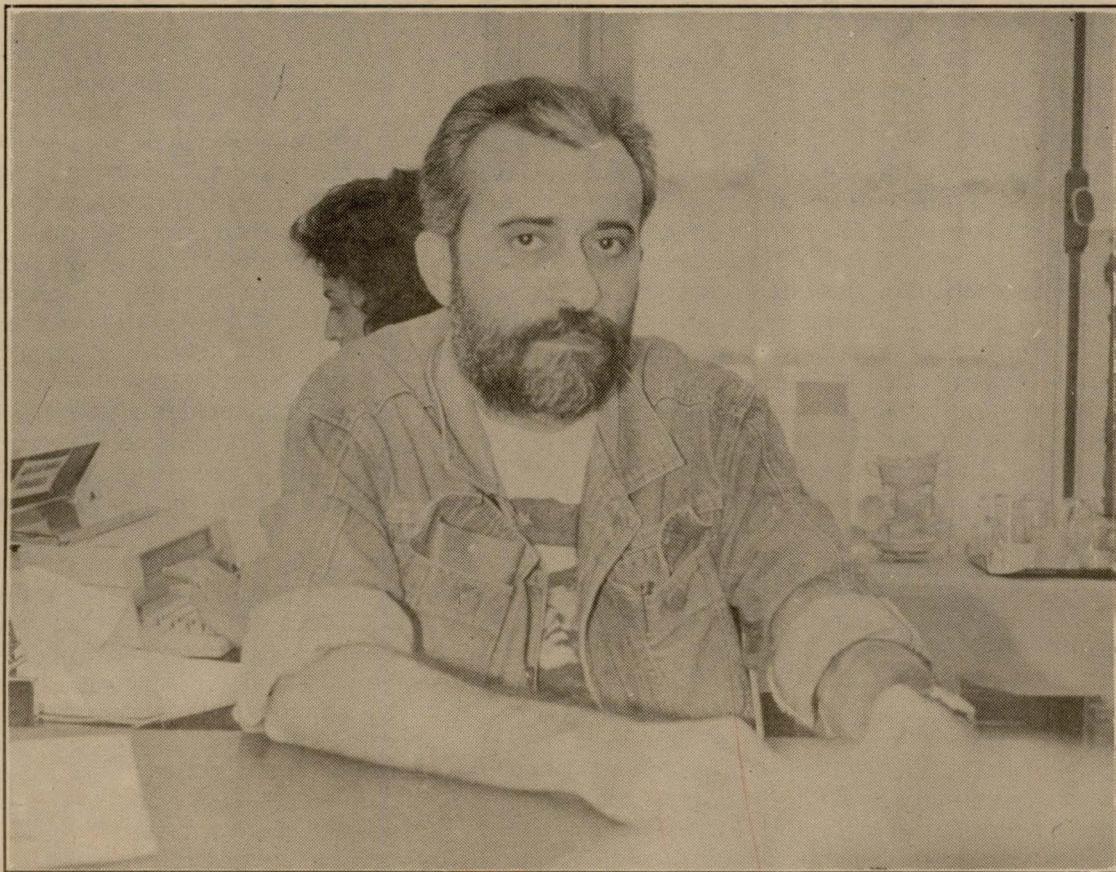
Foi vereador na capital gaúcha entre 1947 e 51. Eloy esteve preso mais de uma dezena de vezes desde então, de 1952 a 1957 fez parte do Conselho Mundial da Paz e até 1967 foi membro do Comitê Central do PCB e primeiro secretário do partido no Rio Grande do Sul. Durante a prisão de que foi vítima nos anos 70 - a que dedicou um livro de memórias, "Tempo de Cárcere" - conheceu Diógenes Arruda, dirigente do PCdoB, personalidade que recorda com admiração: "Arruda era muito solidário. Respeitava todas as opiniões e era muito respeitado. Quando foi libertado todos sentiram sua falta".

# Membros do PCB se filiam ao PCdoB

Coroando um processo de diferenciação interna que já decorre algum tempo, antes mesmo do 9º Congresso do PCB, um primeiro grupo de 40 militantes do Partido Comunista Brasileiro passa para as fileiras do Partido Comunista do Brasil, no próximo dia 11 de setembro, no Rio de Janeiro, em solenidade política preparada com grande entusiasmo pelo Comitê Regional do PCdoB. A principal liderança do grupo, o ex-membro da Executiva Nacional do PCB, Juliano Siqueira, declara em entrevista à "Classe" que a decisão de se filiar ao PCdoB significa "uma opção lógica dos que se consideram marxistas-leninistas", que se sentiram traídos pela posição adotada pelo PCB após o seu 9º Congresso "o qual aprovou uma decisão claramente social-democrata". Além de Juliano, que é sociólogo e dirigente sindical, se filiarão ao PCdoB ex-integrantes da Executiva Regional do PCB, como Demétrio Araújo, da Executiva Municipal, Fernando Pardellas, e do Diretório Municipal, Ana Thompson, bem como lideranças sindicais das áreas de saúde e transportes e dos movimentos estudantil e comunitário, entre outros. Juliano faz questão de assinalar que este é um primeiro grupo de ex-pecebistas, aos quais deverão se somar outros que, dentro de pouco tempo, se incorporarão em definitivo ao PCdoB. A seguir, a entrevista que ele concedeu, à Carlos Henrique Vasconcelos.

**Classe - Qual foi o motivo que fez com que você e demais militantes abandonassem o PCB e optassem pelo PCdoB?**

**Juliano** - O principal motivo, o motivo básico, é que o PCB deixou de ser um partido comunista, marxista-leninista. O partido abandonou a luta de classes, o internacionalismo proletário, os princípios revolucionários. O 9º Congresso, do PCB, apesar da firme oposição dos que se posicionaram de maneira revolucionária, marxista-leninista, aprovou uma resolução social-democrata com a qual não nos identificamos. O PCdoB é a única força política que se situa no campo da concepção marxista-leninista. Optar pelo PCdoB foi uma posição lógica. Fizemos a opção que consideramos revo-



Juliano denuncia a capitulação do PCB frente ao imperialismo e declara que fez uma opção revolucionária ao ingressar no PC do B

lucionária. O fato de ter cargos importantes no PCB não tem qualquer importância. Não importa permanecer num partido por conta de cargos. O que importa é preservar o partido comunista, é pertencer a um partido marxista-leninista.

**Classe - Além de você, quem mais no PCB tomou es-**

**sa posição?**

**Juliano** - Nesse primeiro momento, que está marcado para o dia 11 de setembro, aqui no Rio de Janeiro, cerrarão fileiras no PCdoB em torno de 40 camaradas. Muitos militantes da juventude, lideranças sindicais nas áreas de saúde e transportes, bem como representantes dos movimentos estudantil e comunitário.

A nível de direção passaram para o PCdoB os ex-membros da Executiva Regional do PCB, Demétrio Araújo, do Diretório Municipal, Ana Thompson, e da Executiva Municipal, Fernando Pardellas, entre outros. Considero que outras pessoas deverão entrar para o PCdoB no decorrer desse processo.

**Classe - Qual a sua opinião**

## Resolução do CR do Rio saúda o ingresso dos novos camaradas

Nas últimas semanas, inúmeros dirigentes e militantes do PCB no Rio de Janeiro, descontentes com a definição social-democrata assumida pela liderança dessa agremiação, pediram desligamento e manifestaram o seu interesse em se filiar ao Partido Comunista do Brasil - PCdoB. Analisando esses desenvolvimentos, o Comitê Regional do Rio de Janeiro, reunido em 24 de agosto de 1991, adotou as seguintes resoluções:

1 - Saudar calorosamente a atitude firme e corajosa destes revolucionários defensores do marxismo-leninismo, que se negam a aceitar a política de conciliação de classes e de capitulação diante do imperialismo preconizado por Roberto Freire.

2 - Destacar que o PCdoB acolhe com júbilo os camaradas que se desligam do PCB, agora em processo de extinção, e que seu ingresso ajudará o Partido Comunista do Brasil a se colocar a altura dos desafios da luta revolucionária e socialista em nosso país, ainda neste momento em que se realizam as discussões do 8º Congresso do nosso Partido.

3 - Indicar que o ingresso dos camaradas se insere num processo de realinhamento de for-

ças revolucionárias, no Brasil e no mundo, onde os autênticos marxistas-leninistas não se rendem à campanha de histeria anti-comunista e reacionária, encabeçada pelo imperialismo norte-americano, contra as forças progressistas, democráticas e revolucionárias em todo o globo.

4 - Registrar que estes desenvolvimentos indicam que o caminho da renovação do pensamento socialista não é o do retorno aos mitos e dogmas liberais da "economia de mercado" e da "democracia como valor universal".

5 - Reafirmar que as fileiras do PCdoB estão abertas para todos os que, no Brasil, continuam afirmando a incapacidade do capitalismo resolver os problemas fundamentais do nosso povo e a necessidade de superá-los revolucionariamente com a construção de uma sociedade socialista que garanta um futuro de efetiva democracia, justiça social e bem-estar.

O TEMPO NÃO PARA  
O SOCIALISMO VIVE!

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1991  
Comitê Regional do PCdoB - RJ

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

acerca dos acontecimentos verificados na União Soviética?

**Juliano** - No início imaginei que se poderia retomar o processo socialista. Imaginei que aquilo seria um fio de esperança, se bem que não considerasse possível a retomada do socialismo em um curto prazo. No sentido da retomada do marxismo-leninismo. No entanto, com a derrota, com a evidência dos fatos, numa demonstração de absoluta incompetência, vimos que não era bem assim. Agora, o imperialismo ao divulgar o golpe e as pessoas ao comentarem o golpe deixam de denunciar o golpe que a direita está promovendo na União Soviética através de seu representante Bóris Yeltsin, que promove a volta de Gorbachov sem qualquer poder, manietado, dominado pela burocracia, o partido proibido de funcionar, o exército totalmente subjugado e os jornais fechados. O imperialismo ao afirmar que ali ocorreu uma vitória da democracia, omite outros fatos, na verdade são democratas tendenciosos. Me preocupa a repercussão de tais fatos em relação ao futuro da União Soviética e, principalmente, de Cuba. Vão querer varrê-la do mapa. Isto vai exigir um grande esforço internacionalista. Vai ser uma prova de resistência muito grande.

Em relação aos episódios acontecidos na URSS, entendo que esse retrocesso deve ser visto como mais um desafio aos marxistas-leninistas. É um momento de não ceder às pressões ideológicas do capitalismo, que vive uma situação difícil. Porquanto, a crise do capitalismo é profunda e a sua denúncia é a forma concreta de retomada da luta pelo socialismo.

**Classe - Como você entende a situação atual do Brasil?**

**Juliano** - O Brasil vive uma profunda crise política, econômica e social. É uma das demonstrações mais claras da incapacidade do capitalismo em resolver os mínimos problemas do país em todos os campos. Acho que a luta de classes no Brasil está na ordem do dia, no campo e na cidade. E a saída não é a social-democracia, nem qualquer forma de entendimento nacional como muitos setores, inclusive de esquerda, apregoam.

# PCdoB prepara-se para o debate na IX Conferência Nacional de Saúde

Jandira Feghali\*

Pensar saúde. Ultrapassada está a análise de que esta capacidade se limita aos técnicos e profissionais da área de saúde. A sociedade, os usuários, suas entidades representativas, têm colocado este debate no centro de suas preocupações. Não é para menos. Os dados epidemiológicos no país demonstram, sem qualquer atenuante, o quadro social "quarto-mundista" do Brasil de hoje; a realidade assistencial deixando mais de um terço da população brasileira sem acesso aos serviços de saúde; a mortalidade materna ocupando o terceiro lugar de causa mortis para as mulheres; o extermínio das populações de baixo nível sócio-econômico pela violência cotidiana da esterilização em massa.

Os modelos político-econômicos das classes dominantes vêm promovendo esse triste quadro e agora nos cabe avaliar a proposta neoliberal com "saída modernizante" pa-

ra o Brasil.

A IX Conferência Nacional de Saúde pode representar um grande fórum de debates e resoluções se conseguirmos torná-la amplamente representativa dos diversos segmentos sociais. O tema sociedade-governo-saúde certamente informará o restante dos debates, na medida em que avaliemos que projetos políticos estão em curso.

O neoliberalismo em muito pouco tempo mostrou-se velho. Agravou enormemente as condições de vida do povo brasileiro e tenta combinar o impossível - modernidade com fome, paralisação da ciência e do desenvolvimento econômico nacional. Na política da saúde abandonou o grande contingente populacional e mesmo periférico - demonstrando privilegiar apenas os segmentos envolvidos no processo de acumulação de capital. Não desenvolve adequadamente as ações coleti-

vas de saúde, o que é papel exclusivo do Estado e busca propostas de modelo assistencial, retirando também aí cada vez mais a responsabilidade do Estado, favorecendo e transferindo serviços ao setor lucrativo. Trabalha com ações de impacto. Os critérios para financiamento do setor e repasse de recursos não seguem as normas estabelecidas na Lei Orgânica de Saúde, inviabilizando serviços públicos ao nível dos estados e municípios. Centraliza as verbas de investimento.

Os profissionais mal remunerados e desestimulados exigem ações resolutivas por parte do governo. A indústria farmacêutica nacional mantém-se sufocada pela ocupação dos cartéis multinacionais.

Ao citar estas questões, tenho apenas a intenção de expressar algumas das muitas preocupações e contribuir para a reflexão do debate, que temos o dever de ampliar e ca-

da vez mais qualificar.

Preparar a IX Conferência de Saúde significa estudar em profundidade as polêmicas em pauta e ultrapassar a fase de denúncias e leis aprovadas e não aplicadas, para somar forças no sentido de avançar na realidade concreta.

O PCdoB, ao realizar em Brasília o I Seminário Nacional sobre política de saúde, nos dias 9, 10 e 11 de agosto, com a presença de profissionais, parlamentares e entidades de nove estados e Distrito Federal, concluiu pela necessidade da ampliação das discussões, inclusive promovendo seminários regionais. Foi indicada uma comissão nacional que se responsabilizará pela compilação dos resultados dos debates, encaminhando propostas concretas do partido para a saúde à IX Conferência Nacional.

\* Deputada federal pelo PCdoB-RJ

## CSC conquista vitória no RN No Rio prosseguem os atos de lançamento do Congresso

A eleição da chapa 2 para a direção do Sinditêxtil do Rio Grande do Norte, dia 7 de agosto, representou uma expressiva vitória do sindicalismo classista no estado, uma vitória não só da Corrente Sindical Classista - CSC, mas de todo o movimento sindical potiguar.

A chapa da CUT, encabeçada pela companheira Francisca Elpídeo - operária da Coteminas, militante do PCdoB - foi eleita com 69% dos votos. O resultado comprovou a opção dos trabalhadores têxteis por um sindicalismo de luta, visto que a chapa 2 se formou em oposição ao atual presidente da entidade, João Batista, considerado um traidor da categoria e vinculado aos patrões.

Apesar das dificuldades para instalação das mesas coletoras de votos, 80% dos sindicalizados votaram, contrariando as expectativas da chapa 1 que, mediante acordo que a categoria desconhece, conseguiu um abono de Cr\$ 5 mil para o dia da eleição. Os trabalhadores receberam o abono, mas votaram na chapa 2.

A categoria, sem piso salarial, foi desprezada pela antiga diretoria. A última conven-



Francisca Elpídeo, da Coteminas, foi eleita com 69% dos votos

ção coletiva foi assinada às vésperas da eleição, sem que os trabalhadores dela tomassem conhecimento, uma prática responsável pela desorganização das bases. Dos oito mil trabalhadores, somente 1.399 são sindicalizados. A

nova diretoria tem pela frente o desafio de elevar a organização dos trabalhadores, o nível de consciência e de disposição para a luta em defesa de melhores condições de vida e trabalho.

(Da sucursal).

## No Rio prosseguem os atos de lançamento do Congresso

Proseguindo a série de atos políticos de lançamento de teses do 8.º Congresso do PCdoB, o Comitê Regional do Rio de Janeiro, através da direção municipal de São Gonçalo, no Grande Rio, está promovendo um ciclo de debates acerca do socialismo e da construção partidária.

O primeiro debate ocorreu no último dia 9 de agosto, com a presença do vereador do PCdoB, Edson Santos; do prefeito do município, Edson Ezequiel de Mat-

tos, do PDT; e diversas lideranças sindicais e populares.

No dia 23 de agosto, foi a vez da deputada federal Jandira Feghali, do PCdoB, fazer uma exposição acerca do debate teórico do socialismo.

Estão programados ainda debates no dia 20 de setembro sobre a nova ordem imperialista e o governo Collor e acerca da organização partidária. Dirigentes regionais e do Comitê Central serão os expositores.



CDM

Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

Questão de Ordem

# A luta por salários e a luta nacional

João Batista Lemos\*

Não é de hoje que o país exige um projeto nacional em defesa de um desenvolvimento independente, não autárquico, e que corresponda aos interesses dos trabalhadores, com distribuição de renda, etc... É urgente a sua implantação para substituir o projeto do governo Collor, que serve apenas aos objetivos do imperialismo, sobretudo aos EUA.

### A crise profunda e a CUT

Os índices do aprofundamento da crise brasileira que recai de forma mais pesada nas costas das classes trabalhadoras, são alarmantes: pelo Dieese a inflação do governo Collor de março de 1990 para cá é de 1623% e a inflação anual de 400%. Em junho último, 82% dos trabalhadores tiveram uma perda do poder aquisitivo de 22% a 48,5% em relação a março de 90. Mesmo o salário mínimo de Cr\$ 47.000,00, aprovado na Comissão de Trabalho da Câmara já está inteiramente defasado. Ao lado disso aumenta o número de desempregados, que passa de mais de seis milhões no Brasil, sem benefícios sociais necessários à subsistência.

A plataforma do movimento sindical para pressionar o Congresso Nacional é de grande importância no momento. De forma que os trabalhadores possam ver aprovada uma política de indexação, proteção aos salários, recomposição do salário mínimo e reposição salarial. Porém, a luta sindical para influenciar o parlamento precisa estar apoiada na mobilização política das suas bases, presas ainda ao corporativismo. A ação desenvolvida das centrais sindicais como a CUT, Força Sindical e CGT, em Brasília, precisa se dar também de forma mais conseqüente dentro das fábricas e nas ruas. Buscar os caminhos da unidade na luta para fazer frente aos patrões e o governo. Cabe à CUT, central sindical mais representativa, liderar este movimento unitário.

O governo já declarou que vetará uma política de indexação e proteção aos salários, fazendo demagogia com a livre negociação. Antônio Ermírio de Moraes, que figura entre os patrões mais ricos do mundo (segundo a última edição da revista norte-americana FORTUNE), deixou claro em entrevista recente que o mínimo de Cr\$ 47.000,00 iria quebrar muitas empresas e aumentar o desemprego. Mostra-nos o caráter espoliativo do capitalismo dependente do Brasil, pois o salário mínimo do Dieese seria de Cr\$ 139.470,00 para o mês de junho/91.

### Entendimento e entendimento

A questão dos salários e o arrocho salarial vai se tornando naturalmente uma questão política, parte integrante da política econômica neoliberal, antinacional e antipopular do governo Collor. A "liberdade" e "democracia" que resta para os países como o nosso!

Nesta situação, os interesses opostos de classes e dos povos de terceiro mundo com os governos do primeiro mundo ficam evidentes. Não há, portanto, saída para os trabalhadores no rumo de um entendimento nacional com o governo e com grandes empresários, que setores de esquerda PT propõem, para uma pretensa "retomada do desenvolvimento com distribuição de rendas".

Tudo leva a crer que isto só será possível com o fim do projeto neoliberal e o enfrentamento com o governo Collor, libertando a nação da ganância e da submissão dos grandes oligopólios, intensificadas exaustivamente, com novas tecnologias e organização do trabalho.

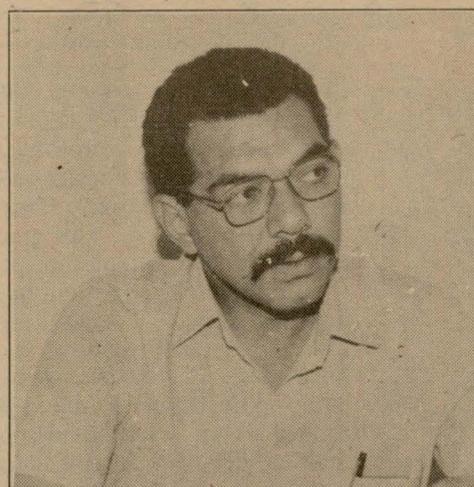
É preciso articular a luta por melhores salários e condições de vida com a luta pelos interesses nacionais através de um grande movimento de massas capaz de fazer frente à ofensiva do imperialismo. Tendo como base a classe operária e as forças populares, juntamente com os setores nacionais e progressistas que se opõem a esta situação.

Este é o entendimento nacional que a gravidade do momento exige, mas construído entre as forças populares nacionais e progressistas.

\* Membro do Comitê Central do PCdoB

# Barroso: Concut deve debater crise política do governo

Às vésperas do IV Congresso Nacional da Central Única dos Trabalhadores, a se realizar de 4 a 8 de setembro, em São Paulo, os sindicalistas e trabalhadores brasileiros voltam suas atenções ao principal acontecimento do movimento sindical neste ano. Os principais aspectos a serem debatidos no Congresso são abordados pelo coordenador nacional da Corrente Sindical Classista - CSC, Sérgio Barroso, em entrevista à Classe. A necessidade de os trabalhadores do país debaterem a grave crise política do governo Collor, o momento de convulsão por que passa a União Soviética, os problemas internos da CUT e a política de alianças no IV Concut são os principais temas apresentados pelo sindicalista.



Coordenador da CSC aborda temas principais

o país e entregar o que resta ao imperialismo americano. O IV Concut deve colocar essa questão do enfrentamento à ofensiva imperialista em primeiro plano.

**Classe - Que posição o IV Concut deve adotar em relação à situação internacional?**

**Barroso -** O IV Concut deve analisar a situação internacional a partir dos extraordinários episódios da URSS, que se encontra convulsionada por uma profunda luta de classes e, por outro lado, o problema da nova ordem internacional defendida pelo presi-

dente dos EUA, George Bush. O Concut deve debater e examinar a questão da relação internacional da central. Aqui opinamos que o IV Concut deve reafirmar a sua posição de independência em relação às centrais sindicais internacionais, buscando caminhos de unidade e de luta dos trabalhadores nesse novo quadro nacional.

**Classe - Qual o principal problema sobre o qual o IV Concut deve se debruçar?**

**Barroso -** O principal problema a ser discutido no congresso nacional da CUT deve ser a crise política do governo federal. Nada do que Collor prometeu na campanha eleitoral e na sua posse deu certo ou foi cumprido. A maior recessão da história do Brasil continua sua marcha. Mais de 6 milhões de desempregados. Há recrudescimento da inflação e indícios de dolarização infernal da economia. Um arrocho salarial que impõe uma perda de mais de 50% em média aos assalariados desde março de 1990. A participação dos salários na renda nacional caiu para cerca de 35%, um dos menores índices do mundo.

Além de tudo isso, com a demagogia do presidente de inserir o Brasil no primeiro mundo, a soberania nacional nunca esteve tão ameaçada. Uma brutal pressão sobre a Constituição, que ainda preserva uma certa independência do país. Uma submissão reiterada aos credores internacionais. O caso das patentes, do acordo militar com os EUA são exemplificantes. Collor ameaça esfrangalhar

**Classe - E quanto aos problemas internos da CUT?**

**Barroso -** Defendemos que sejam discutidos e votados os cortes inaceitáveis nas delegações da Bahia e de Minas Gerais, por parte da Executiva Nacional da CUT. O fato é que a correlação de forças no IV Concut foi modificada artificialmente e isso é um problema gravíssimo que não pode passar em branco. As bases sindicais de todo o país merecem uma explicação e a democracia interna da entidade não pode ser maculada.

**Classe - Na questão das alianças a CSC defende a política de formação de bloco?**

**Barroso -** Não. A CSC, assim como outras correntes da CUT, tem uma política independente. Nesse sentido deverá marchar com as forças que se identifiquem em torno de opiniões políticas. Evidentemente vai se cristalizando, principalmente em função da conduta da corrente "Articulação", um campo que se unifica em torno da democracia sindical dentro da CUT. Isto poderá definir uma política de alianças para o IV Concut.



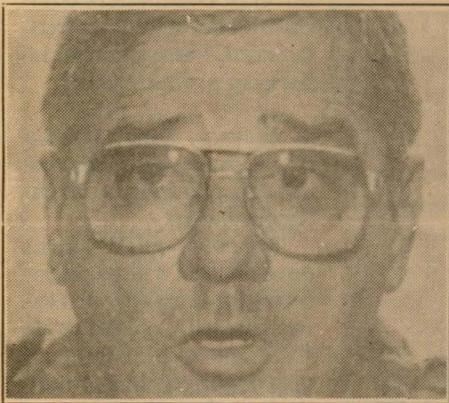
Antônio Coutinho

CSC se mobiliza para o principal acontecimento sindical deste ano como terceira força política

As drogas, o G-7 e a Amazônia

# As preocupações do General Thaumaturgo

Raimundo Rodrigues Pereira \*



O general Thaumaturgo Sotero Vaz, chefe do Estado-Maior da Amazônia, através de entrevista dada ao jornalista Efren Ribeiro, apareceu na *Folha de São Paulo* da quarta-feira, 28 de agosto, com uma disposição extraordinária: prometeu até "cair de porrada", como guerrilheiro, nos que tentarem impor ao Brasil a soberania limitada sobre a Amazônia, uma idéia presente entre os membros do G-7, o grupo das sete nações mais ricas do mundo.

É uma entrevista rica para a discussão do papel dos militares brasileiros hoje, para o debate sobre os problemas do narcotráfico no país - assolado pelo escândalo da família do deputado Jabes Rabelo - e mesmo para a discussão da conjuntura vivida por esse nosso insensato mundo.

A *Folha*, na sua postura habitual, realça as debilidades da posição do general, seu nacionalismo e a forma como ele parece apresentar o debate internacional sobre a preservação da Amazônia e o desenvolvimento das populações indígenas. "Se esses babacas tentarem entrar aqui," diz o general "nós vamos cair de porrada neles, como guerrilheiros".

Do jeito que saiu no jornal fica parecendo que o general poderia até estar prometendo pegar a *tapas* o presidente François Mitterrand, que "defende a transformação da Amazônia em patrimônio universal" e o senador Ted Kennedy, que apresentou ao Presidente Collor proposta "de demarcar uma área contínua para os índios ianomami, em Roraima".

"Não vamos permitir absolutamente, como Forças Armadas, que sejam aprovadas moções na ONU de soberania restrita", diz o general.

De que jeito nossas Forças Armadas poderiam impedir a ONU de fazer isso ou aquilo? O general parece simplificar o problema ao ponto de deformá-lo para, então, apresentar uma solução absurda. Com certeza as Forças Armadas brasileiras podem "pegar a pau" ingênuos grupos de ecologistas ou defensores da causa indígena estrangeiros que "invadem a Amazônia". Para se opor aos propósitos do G-7, porém, o pau teria que ser mais roxo, como diríamos.

Leve-se em conta, porém, a má vontade da *Folha* contra todas as intenções nacionalistas. E se verá substância nas preocupações do general. Ele descobre, por exemplo, um dos objetivos visíveis da en-

trevista. O jornalista lhe pergunta sobre "a transformação crescente da Amazônia em rota do tráfico de drogas". E ele diz: "você quer transformar ou transferir o Cartel de Medellín ou o Cartel de Cali para a Amazônia? (...) dos grandes centros produtores colombianos para o nosso litoral são mais de 4 mil quilômetros de linha reta (...) Você vai arriscar em (transportar) um troço desse pelo rio Amazonas?" O jornalista insiste aproveitando-se do escândalo que a *Globo* faz todo dia com o noticiário sobre os irmãos do deputado Jabes Rabelo: "Mas, e o tráfico de cocaína por Rondônia, não é um fato?" E ele responde: "Não. Não sei se é. Também não sei se o garimpo de Rondônia é para lavar dinheiro de narcotráfico. Estão dizendo isso, mas eu não tenho nenhum fato que realmente venha me dizer isso".

O conjunto de perguntas do jornalista visivelmente empurra o general para questão de aceitar um novo papel para as Forças Armadas brasileiras. O general, no entanto resiste à idéia. E ataca as propostas do G-7 de redução ou eliminação das Forças Armadas dos países subdesenvolvidos e sua substituição por forças internacionais; e de transformação das mesmas em forças paramilitares ou policiais de combate ao narcotráfico, também sob supervisão das Nações Unidas.

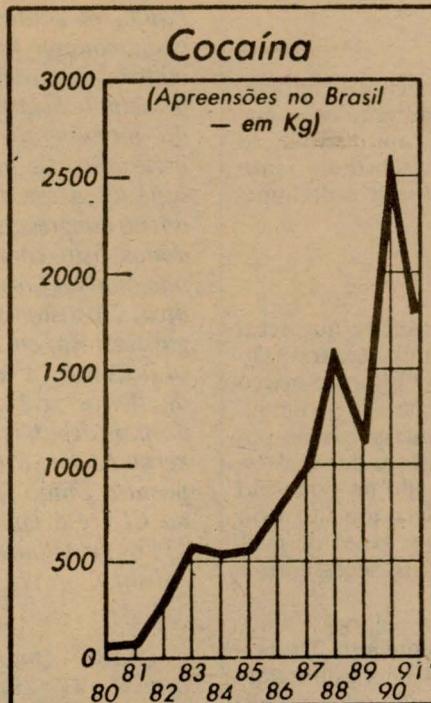
O general diz claramente que um país do 3º mundo, hoje, precisa dos militares para defender suas fronteiras. E cita os casos de Granada e do Panamá, que sofreram intervenção americana, como prova disso.

Ele cita também o "caso da intervenção" (...) "como a realizada no Golfo Pérsico". O jornalista não lhe pergunta se ele está falando da intervenção do Iraque contra a soberania do Kuwait ou da intervenção das forças comandadas pelos americanos contra a soberania do Iraque, o que seria muito instrutivo saber. Mesmo assim fica clara a heresia terceiro-mundista que o general está cometendo.

A crítica do general Thaumaturgo às proposições de soberania limitada para países pobres são mais que justas. O que ele não parece querer ver, quando parte para a bravata, é a forma de defender efetivamente nossa soberania. Que está longe de ser ameaçada por uma invasão de tropas ou ecologistas estrangeiros - muito menos com Ted Kennedy e Mitterrand à frente.

Hoje, o chefe da Polícia Federal brasileira está, como diz bem o jornalista Paulo Sotero, correspondente em Washington de *O Estado de São Paulo*, indo aos EUA "a cada dois meses", "numa delicada operação preventiva" para "esvaziar a crescente pressão americana" pelo envolvimento das Forças Armadas brasileiras no combate ao narcotráfico. Há poucos dias Tuma esteve em Washington com o vice-presidente brasileiro em visita ao coordenador da política de combate ao tráfico da Casa Branca. Na saída, Itamar Franco sentiu-se obrigado a se pronun-

## Militarização e consumo crescentes



Fonte: DPF e Centro de Informações da Gazeta Mercantil  
\* Apreensões até o mês de julho



A despeito da intervenção americana e da prisão do homem-forte do país, o general Noriega, acusado de comandar as operações do narcotráfico em conexão com os colombianos, cresceu o volume de tráfico no Panamá, dizem unanimemente as autoridades americanas. A intervenção no Brasil é de outro tipo; a Polícia Federal brasileira está sendo paga, basicamente por Washington. E o tráfico no Brasil também aumenta.

ciar contra aquele envolvimento, "em nome pessoal". Uma semana depois veio ao Brasil o sub-secretário de Estado americano para a questão do tráfico, que falou com várias autoridades brasileiras, inclusive o Secretário para Assuntos Estratégicos de Collor, a pedido do governo. Neste ano de 1991, a nossa Polícia Federal está recebendo mais dinheiro dos americanos do que do governo central brasileiro, a ponto de um dos deputados da CPI que investiga o narcotráfico no Brasil ter dito à *Gazeta Mercantil* que o crescimento da droga no país (veja o gráfico) se deve ao fato de que "a PF está mais preocupada em impedir que a droga chegue a Miami que a São Paulo".

Para cumprir o triste papel que lhe atribuíram nesse jogo, o delegado Tuma chegou a propor que os americanos repassem à PF brasileira armas da OTAN, como helicópteros e sensores infravermelhos. A intenção americana é adestrar batalhões militares e reformar equipamento militar brasileiro (com tecnologia e militares americanos é claro) a exemplo do que está fazendo na Bolívia e do que parece que vai fazer no Perú, depois de intensas pressões econômicas e diplomáticas e de uma sagaz campanha de opinião pública.

Os americanos não estão satisfeitos com a posição atual das nossas Forças Armadas, assim como abominaram a solução interna que os colombianos - a Constituinte e o governo Gaviria - deram para o problema do narcotráfico.

O controle das drogas é um problema complexo que exigiria um debate muito diferente do que está sendo promovido. De um lado, está a questão do consumo: o que leva tantos milhões de pessoas a se intoxicarem de álcool, de fumo e

de maconha, de cocaína? De outro está a questão do mercado. Quem lucra mais com o tráfico? Sugeriríamos ao general Thaumaturgo que, a esse respeito, lesse o livro do deputado suíço Jean Ziegler: "A Suíça, lava mais branco" sobre a lavagem dos narcodólares. No último mês, nossa imprensa e a do mundo inteiro publicaram milhares de laudas apontando o BCCI, banco controlado por árabes e paquistaneses, como "o banco da cocaína", no qual o G-7 interveio. Por que não interveio nos bancos suíços? O general irá ver que o debate sobre o narcotráfico, hoje, é uma questão altamente politizada que, no momento, não pode ser resolvida - a nosso favor - com frases altissonantes.

\* Colaborador de A Classe Operária

**A SUÍÇA  
LAVA MAIS  
BRANCO** Jean Ziegler

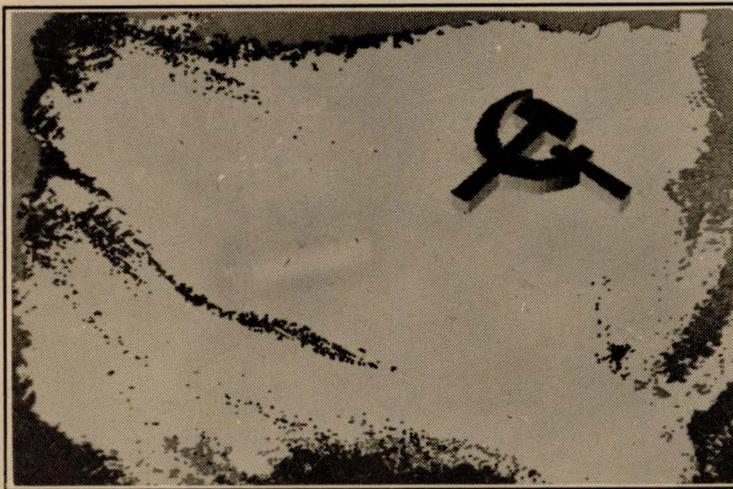
CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

## PCdoB na TV: para assistir e debater

Dia 29 o PCdoB levou ao ar em cadeia nacional de rádio e TV um programa capaz de gerar polêmica - e é isso mesmo que a sociedade necessita, em meio a tanta perplexidade que esses tempos provocam.

O que se espera de um partido político que tem ideologia definida e exemplos práticos que confirmam suas posições? Ora, que tope o debate, que se mostre disposto a enfrentar a polêmica, que defenda seus pontos de vista com os argumentos que tem condições de apresentar. Isso o partido fez no programa.

A defesa do patrimônio público e das bandeiras nacionalistas, o desmascaramento da falsa "modernidade", chamando-a pelo verdadeiro nome - entreguismo, a denúncia do desprezo oficial pelo conhecimento e progresso científicos, são temas que precisavam ser expostos ao amplo universo de milhões de telespectadores e ouvintes. Afinal, o bombardeio cotidiano de propaganda privatizante necessita ter um contraponto de contestação. O partido o faz, e chama o testemunho de figuras como Rogério Cerqueira Leite e Barbosa Lima Sobrinho, cujos depoimentos põem a nu o desastre que está sendo perpetrado contra o patrimônio econômico e científico nacional.



A segunda parte do programa coloca o partido e suas opiniões no centro do debate teórico e ideológico: os conflitos no Leste Europeu, a desagregação da URSS, o golpe fracassado e sua repercussão mundial. O programa encara essas questões de frente, com a coragem de se opor ao coro geral de beatificação de Gorbachov e Yeltsin; um coro que mistura vozes do imperialismo mais reacionário com trinados de forças ditas da esquerda brasileira, apressadas no alinhamento ao discurso moderno do neoliberalismo. O PCdoB reitera no programa a contestação da farsa do "fim

do socialismo". Defende o ideal socialista contra seus inimigos do Leste e do Oeste, os de antes e os de depois do golpe fracassado.

São 60 minutos de propostas, incentivo à discussão, de educação partidária, que não se esgotam na veiculação em cadeia nacional do dia 29. É um programa para ser revisto, guardado e debatido. Quem quiser a fita de vídeo, ligue para (011) 37-4057. Custa Cr\$ 12 mil. Um investimento que vale a pena.

Plínio Lins  
Colaborador

## Vencida mais uma etapa de formação

Está vencida mais uma etapa do trabalho de formação, ao se encerrar a série de 10 turmas do II curso nacional para dirigentes nacionais e regionais do PCdoB. Isto porque este curso, além de apresentar diferenças importantes em relação aos anteriores, evidencia ao mesmo tempo a perspectiva de um salto de qualidade na formação teórica dos quadros, de acordo com as exigências colocadas para a elevação e prosseguimento da luta de idéias.

Este segundo curso, que abrangeu cerca de 160 dirigentes, procurou atualizar a teoria, reforçando conceitos fundamentais, e abrindo a discussão para questões essenciais que necessitam da reflexão do coletivo partidário, neste momento de crise que se está vivendo. Nisto ele difere dos anteriores, que eram cursos onde se procurava dar aos alunos um "panorama" da teoria marxista, através da sistematização da teoria e da afirmação dos seus principais conceitos.

O curso atual não pôde se esquivar muito da visão panorâmica, em virtude da grande renovação de quadros que tem acontecido nos últimos anos no partido. Mas, teve o mérito de, ao lado da apresentação e reafirmação dos conceitos fundamentais, pôr em questão o dogmatismo e abordar temas polêmicos que estão em debate na luta política e ideológica. Mas, como todas as atividades de cunho revolucionário, se deparou com certas dificuldades objetivas na sua efetivação que limitaram a sua abrangência e o seu grau de aproveitamento. Essas dificuldades advieram em primeiro lugar da pouca importância e da falta de compreensão que muitos dirigentes ainda têm acerca da luta teórica, e da necessidade de melhor preparação do coletivo partidário para enfrentá-la.

Isto acarretou uma pequena participação de alguns Regionais, principalmente nas primeiras turmas,

a total ausência de outros e, em menor escala, o subaproveitamento das vagas disponíveis, com alguns regionais não destacando para o curso os camaradas que teriam maior capacidade de aproveitamento e, portanto, de reprodução do curso nos estados.

Além destas, se enfrentou dificuldades de ordem financeira, infra-estruturais, tempo, disponibilidade de pessoas para serem professores, etc.

Porém, de turma em turma, o curso foi se afirmando e muitas questões importantes foram surgindo. Entre estas destacam-se algumas de caráter mais geral, como: o que é e o que não é novo entre as principais idéias que estão em debate nos meios acadêmicos? O que é a crise do socialismo? O que se considera crise do marxismo é a mesma coisa para todos que a ela se referem? Estamos mesmo no fim da história, como muitos apregoam? E a crise do capitalismo, como caracterizá-la no momento? O capitalismo está mesmo em nova fase? Como entender crise e reciclagem do capitalismo ao mesmo tempo? E o partido, como se adequar aos novos tempos sem perder suas características essenciais? O que é particular e o que é geral na teoria marxista?

Dentro da perspectiva de avançar no sentido de contribuir para que o coletivo dê as respostas necessárias às questões colocadas, a Comissão de Educação está abrindo um debate sobre as perspectivas da formação, que deve culminar com a realização de um Seminário Nacional de Formação em outubro, que deve assentar as bases para um novo salto de qualidade na elaboração teórica e preparação dos quadros.

Uma etapa se encerra, os novos desafios se colocam e necessitam da participação de todos para que sejam vencidos.

Ilka Bichara - Comissão Nacional de Educação.

## Teoria e Prática

# Viver é melhor do que sonhar

Rogério Lustosa \*

A crise da URSS provocou celeuma em certas cabeças: "Sou contra o Gorbachov. Mas também sou contra que o afastem. Ele não é democrata. Mas se o derrubam, é a ditadura. É claro que ele pratica a colaboração escancarada com o imperialismo americano e o mais desavergonhado achincalhe do socialismo. Mas sou contra estes burocratas que tentam tomar o poder. Bem, o Yeltsin foi eleito com 67% dos votos. É preciso ver".

### Pressão burguesa

Por um lado, a vontade de lutar contra a Perestroika. Por outro, a influência da máquina infernal de propaganda burguesa e da crise profunda que sacode o socialismo. Conceitos como democracia como valor absoluto, legalidade formal burguesa e solução pacífica dos conflitos sociais - condenados em palavras no dia a dia - ocupam espaços e deixam alguns lutadores de esquerda em posição cambaleante.

Nos acontecimentos da URSS, não cabia neutralidade. O movimento para barrar a trajetória capitulacionista de Gorbachov tendia a estabelecer um polo de resistência ao domínio incontestado do mundo pelos Estados Unidos. Objetivamente poderia criar uma situação internacional, e na URSS, mais favorável à resistência popular contra o imperialismo.

### Nova revolução

É claro que à frente do movimento estavam burocratas sem um programa popular e com tendências autoritárias. Esta não foi, entretanto, uma solução escolhida pelos revolucionários. Aos verdadeiros socialistas não cabia compromissos com esta nova direção golpista. Mas trabalhar nas novas condições para elevar a mobilização e a consciência das massas visando fazer com que o povo jogasse seu papel nos acontecimentos.

A solução dos problemas na URSS passa por uma revolução. Mas sua preparação não se fará de acordo com fórmulas idealizadas de figurinos de bom comportamento. O povo terá que abrir caminho no emaranhado de contradições existentes e saber aproveitar cada brecha entre os inimigos para temperar suas forças.

Por sua vez, o resultado da inconseqüência dos golpistas têm a virtude de revelar com mais evidência o conteúdo da "democracia" de Gorbachov e Yeltsin. Uma impressionante onda anti-comunista varre a URSS. Os reacionários sustentadores da perestroika jogam fora os véus e agri-dem tudo que tenha alguma semelhança com o socialismo.

Talvez, agora, os que ficaram paralisados pela arapuca do "golpe ou não golpe" que, sabidamente, a burguesia lançou aos quatro ventos, percebam que o panorama apresentava outros componentes. E que indicar o valor positivo do afastamento de Gorbachov do poder não implicava em compromissos com os burocratas que pretenderam dar o golpe.

### Outras armadilhas

Recentemente, muita gente de esquerda caiu noutra armadilha destas. Sob o argumento que Sadam Hussein era um ditador, sentiram-se impedidos de condenar a agressão imperialista ao Iraque. Protestaram candidamente contra a violência dos dois lados. Em vez de interesses de classes concretos, sonhavam com conceitos abstratos e "universais".

No caso da Nicarágua, apareceram combatentes igualmente sonhadores: não queriam o afastamento dos sandinistas do poder. Mas como foi "democraticamente", através de eleições, sentiram-se aliviados.

Fundação Maurício Grabois

\* Membro do Comitê Central do PCdoB

# URSS, a mídia e os mitos

Luiz Fernandes \*

Ao fazer o balanço da dramática semana iniciada em 19 de agosto, que culminou na desagregação acelerada da URSS, um fato que chama a atenção é que a reação da opinião pública, no Brasil e no mundo, acabou sendo comandada pelos grandes monopólios de comunicação das potências capitalistas (com destaque para a CNN norte-americana), com base em mitos e meias-verdades cuidadosamente construídas em torno da figura de Mikhail Gorbachov ao longo dos últimos anos. A verdade por inteiro é que não há como entender os acontecimentos na URSS, suas motivações mais profundas, seu desenrolar, seus desdobramentos e perspectivas, sem desmontar esta mistificação.

## “Renovação do Socialismo”

Um dos principais mitos cultivados pelos monopólios da informação no Brasil e no mundo é o de que a política econômica de Gorbachov (a *perestroika*) representava um esforço “desesperado” para renovar e reestruturar a economia socialista da URSS, rompendo com o “caos” legado por seis décadas de “socialismo estatizante e autoritário”. É fato que a economia soviética vinha acumulando fatores de crise e estagnação, sobretudo a partir de meados da década de 70. Este desenvolvimento refletia o esgotamento da fase de desenvolvimento extensivo da economia soviética, e a necessidade de passar a um padrão de desenvolvimento mais “intensivo”. Fruto da orientação *revisionista* da liderança soviética a partir de Kruschov, esta questão foi enfrentada fugindo cada vez mais aos desafios da própria transição socialista, e recorrendo crescentemente a financiamentos e compra de tecnologia dos países capitalistas. Mas justamente por ainda preservar conquistas do período de construção da base econômica do socialismo (com a estatização das forças produtivas fundamentais e o alto grau de planificação da economia), a crise soviética se expressava i. uma *tendência crescente à estagnação econômica*, e não em crises cíclicas, periódicas e violentas, características de economias capitalistas.

O processo da *perestroika*, na verdade, passou por três “levas” de medidas, cada qual com uma orientação diferente. A primeira leva, em 1985 e 1986, se limitava a introduzir modificações parciais e limitadas no esquema de desenvolvimento anterior, através da generalização de algumas experiências econômicas que haviam sido iniciadas por Andropov. A segunda leva, em 1987 e 1988, buscou constituir uma “economia de mercado” (com base no auto-financiamento e na autogestão das empresas) nos marcos de uma economia onde as forças produtivas permaneciam, fundamentalmente, estatizadas (embora já se liberasse a pequena produção privada e se abrisse para investimentos diretos de empresas capitalistas estrangeiras na forma de *joint ventures*). A terceira leva de medidas, deflagrada em 1989 e intensificada a partir de 1990, já apontava para a *desestatização* e *privatização* do grosso das forças produtivas da economia soviética.

## A perestroika e o caos

Cada leva de medidas desta gerou suas contradições e complicações específicas. O fato histórico concreto é que foi a *perestroika* de Gorbachov que lançou a economia



soviética no caos, ao se voltar contra as conquistas econômicas do socialismo que ainda eram preservadas na URSS. Ao invés de reverter a tendência à estagnação da economia soviética, o processo da *perestroika* a agravou e, já a partir da segunda metade de 1989, a transformou em profunda recessão e virtual colapso. Basta ver que em 1990, pela primeira vez desde a invasão nazista na Segunda Guerra Mundial, a economia soviética registrou uma queda de produção de -4% do seu Produto Material Líquido, que equivale ao PIB menos o setor de serviços. O pano de fundo desta crise é justamente a inexistência de capital endógeno acumulado em proporções suficientes para sustentar a privatização de parte substancial das mais de cem mil empresas estatais que tem um valor patrimonial calculado em 2,9 trilhões de rublos (cerca de 4,6 trilhões de dólares pelo câmbio oficial), em função do processo histórico anterior de abolição da propriedade privada na URSS.

## Pressão imperialista

Ciente desta contradição fundamental da *perestroika*, as potências capitalistas resolveram explorá-la para forçar a URSS a acelerar a liquidação dos resquícios das conquistas econômicas e sociais do socialismo. Foi montada uma coordenação de cinco or-

ganismos internacionais do mundo capitalista, sob o comando do FMI, para monitorar a transição da URSS para uma “autêntica economia de mercado” (baseada na propriedade privada). A liberação de parte substancial dos 150 bilhões de dólares solicitados por Gorbachov na reunião do Grupo dos Sete em Londres, a intensificação dos investimentos de empresas capitalistas na economia soviética, a aceitação da URSS como membro pleno do FMI, Banco Mundial e do GATT - tudo isto ficava condicionado à implementação do programa global de reformas exigido pelo FMI.

## Os dois golpes na URSS

Assim, sob a batuta de Gorbachov, a URSS se afundava cada vez mais numa indigna e vergonhosa capitulação diante das imposições das potências imperialistas, sobretudo dos EUA, e também no mais completo caos econômico. É este o motivo fundamental que levou à tentativa inicial de derubada de Gorbachov, a partir de um golpe estruturado na própria cúpula do governo e das Forças Armadas. O objetivo fundamental deste golpe era o de tentar resgatar e/ou preservar algum papel de potência para a URSS no mundo. Mas essa era, igualmente, a sua limitação fundamental. Pois a URSS se transformou em potência justamen-

te com base no impulso emancipador da Revolução de Outubro e na gigantesca mobilização de amplas massas para enfrentar os desafios da construção socialista. Pela sua concepção político-ideológica, e pelos seus próprios interesses de casta, essa não era a perspectiva dessas forças golpistas. No fundo, elas não tinham uma idéia clara de projeto alternativo para reerguer a potência soviética, e por isso, foram incapazes de mobilizar apoio político de massas.

Por outro lado, instrumentalizando as bandeiras da “democracia” e da “legalidade”, Bóris Yeltsin conseguiu mobilizar apoio de massas para desbaratar o golpe da junta... e promover o seu próprio. Ao ser “libertado”, Gorbachov se deparou com a monumental campanha de histeria anticomunista encabeçada pelo presidente da Federação Russa que, rompendo com a ordem constitucional, fechou jornais da União, suspendeu o funcionamento do próprio PCUS, prendeu e afastou dirigentes da URSS, etc. E, mais uma vez, numa atitude vexaminosa, Gorbachov não só respaldou a caça às bruxas promovida por Yeltsin, dissolvendo o próprio PCUS, como referendou todas as suas medidas anti-democráticas e lhe entregou os cargos chaves no governo da União! Com isto, Yeltsin se tornou a peça chave para levar a cabo o programa de transição completa para o capitalismo exigido pelo imperialismo.

O tragicamente frônico nisto tudo é que, comandadas pela opinião dos monopólios capitalistas da comunicação, as emocionadas vozes, que se levantaram no Brasil para denunciar com veemência o golpe da junta contra Gorbachov, se silenciam diante do golpe de Yeltsin. Ou seja, só se aceita “golpe” a favor do imperialismo! O duro é ver essa atitude assumida por gente que ainda se considera de esquerda...

## A crise continua

O resultado imediato destes acontecimentos é o desmembramento da antiga União Soviética. Mas os fatores de crise continuam. A questão nacional continua não resolvida, já que são poucas as repúblicas da antiga URSS que se caracterizam por uma maior homogeneidade nacional e étnica interna. Ao mesmo tempo, junto com a antiga bandeira czarista, a Rússia de Yeltsin ressuscita o chovinismo grão-russo mais exacerbado, ameaçando anexar territórios das outras repúblicas e lançar a estas numa guerra civil fratricida. Isto, com Yeltsin controlando as 12 mil ogivas nucleares estratégicas da antiga URSS!

Do ponto de vista econômico, permanece o drama da falta de capital para sustentar os programas de privatização nas antigas repúblicas da URSS. Estas, por sua vez, sob pressão do FMI, terão de se voltar cada vez mais para a liquidação das conquistas sociais do período da construção do socialismo, reproduzindo as gravíssimas seqüelas sociais que hoje explodem nos países da Europa Central e do Leste. Só que o custo político disto na União Soviética é muito mais elevado, já que o socialismo, ali, se desenvolveu e consolidou por mais tempo. Por tudo isto, o desfecho da crise da URSS ainda é incerto. Afinal, o tempo e as contradições não param...

\* Cientista político, professor da UFF e membro do Comitê Central do PCdoB.